

Helena Solberg  
abre o festival  
Tudo é Verdade

PÁGINA 3



Virtuose Plínio  
Fernandes se  
apresenta no Rio

PÁGINA 4



A fundação do Rio  
sob a ótica dos  
povos originários

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

# Show do milhão nas telonas

Fenômenos para gostos variados dão ao cinema brasileiro seu melhor primeiro trimestre da década

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**nquanto as arreas de “Duna - Parte II” se espalham pelo mundo, consagrando a sci-fi de Denis Villeneuve como o maior fenômeno popular de 2024 planeta adentro, com cerca de US\$ 600 milhões de receita, o cinema brasileiro entra no mês de abril com a certeza de ter desfrutado do melhor primeiro trimestre desde a pandemia. O que não lhe faltou foi casa cheia... e nas mais variadas frentes de gênero - da neochanchada ao filme de fantasia. Rolou até blockbuster com B maiúsculo: “Minha Irmã e Eu”, de Suzana Garcia, com 2 milhões de pagantes, segundo o portal Filme B, que analisa o mercado.

A maior receita de 2023, o aclamado “Nosso Sonho - A História de Claudinho e Buchecha” foi líder de arrecadação com meio milhão de espectadores. Num esgar de sorrisos as cifras são outas. Mesmo franquias outrora milionárias provaram sua infalibilidade,



Divulgação

**Amparado no carisma de Ingrid Guimarães e Tatá Werneck, ‘Minha Irmã e Eu’ foi o filme mais visto pelos brasileiros no primeiro trimestre**

de, como “Nosso Lar” e “Os Farofeiros”, que hoje disputam o segundo lugar, mas podem ter fôlego para mais.

Numa avaliação geral, os últimos três



**Derivado do universo da Turma da Mônica, ‘Chico Bento é a Goiabeira Maraviôsa’ é aposta para levar mais brasileiros aos cinemas**

meses registraram a maior marca nacional de venda de ingressos nesta década, reafirmando a star quality de estrelas já consagradas (Ingrid Guimarães, Maurício Manfrini, Rena-

**PÚBLICO PAGANTE  
NO TRIMESTRE\***

1. “Minha Irmã e Eu”:	2.028.487
2. “Nosso Lar 2 - Os Mensageiros”:	1.649.747
3. “Os Farofeiros 2”:	1.412.749
4. “Mamonas Assassinas - O Filme”:	695.556
5. “Príncipe Lu e a Lenda do dragão”:	210.284
6. “Turma da Mônica Jovem - Reflexos do medo”:	204.104
7. “Gato Galáctico e o Feitiço do tempo”:	25.411
8. “Apaixonada”:	16.746
9. “Ó pai, ó 2”:	8.644
10. “Chama a Bebel”:	7.998

\*Cifras apuradas pela Filme B até a Semana Santa

to Prieto). Até a cena infantil se gitou com “Príncipe Lu e a Lenda do Dragão”.

Essa mesma plateia pode se multiplicar sob o expoente do milhão com “Chico Bento e a Goiabeira Maraviôsa”, no rastro do que os filmes live-action da Turma da Mônica renderam, em 2019 e 2021. Isaac Amendoim assume o papel central.

Nas próximas semanas, “Férias Trocadas” - com Edmilson Filho, Carol Castro e Aline Campos - pode bombar também e inflar as poltronas de pagantes, assim como “Evidências de Amor”, com Fábio Porchat e Sandy revivendo nódoas afetivas ao som do hit de Chitãozinho e Chororó. A aposta em torno do ótimo trailer de “Aumenta Que É Rock’n’Roll”, sobre a extinta Rádio Fluminense FM, a Maldita, pode dar a exibidores mais um acerto.

Espera-se (e muito) que “Mallandro: O Errado Que Deu Certo”, agendado para maio, abra a porta dos desesperados por milhões e devolva ao nosso cinema o gostinho de destronar Hollywood, à força do carisma de Sérgio Mallandro.

## CORREIO CULTURAL

Arte sobre autocharge de Ykenga



O traço de Ykenga ganhou destaque nacional nas famosas páginas centarís d'O Pasquim ocupadas por chargistas como Ziraldo, Jaguar e Henfil

## Morre Ykenga, chargista pioneiro na luta antirracista

O mundo do jornalismo derrama lágrimas pela partida do chargista Ykenga. O artista morreu na manhã de segunda-feira (1º), vítima de um infarto fulminante, aos 71 anos, na casa onde vivia, em São Gonçalo. Ativista negro, Bonifácio Rodrigues de Matos (seu nome de batismo) tinha um humor ácido e crítico, sendo um dos pioneiros ao representar as desigualdades sociais que afetam as pessoas pretas no país.

O apelido de Ykenga lhe foi dado pela avó, que o achava endiabrado. A palavra de origem africana remete a um fenômeno natural que deixa agitados os animais, que invadem as roças e devastam as plantações.

### Ykenga eterno

Formado em sociologia, atuou como desenhista técnico na juventude mas mudou o traço para exercer a função de cartunista em jornais sindicais até parar no Pasquim, o célebre semanário de resistência criado por Ziraldo, Jaguar, Henfil & Cia.

### Ykenga eterno III

Além dos jornais brasileiros, Ykenga publicou trabalhos em publicações do exterior como O Liberacion (Suécia) e o La Juventud (Uruguai). Tem ainda desenhos incluídos no acervo da Casa do Humor e Sátira de Gabrovo, na Bulgária.

### Ykenga eterno II

Entre 2019 e 2020, Ykenga publicou tirinhas de humor aqui no 2º Caderno do Correio. Teve passagens por outros jornais como O Dia, Extra e O Fluminense. Nos últimos anos, estampava seu talento em charges diárias em seu perfil de Instagram.

### Ykenga eterno IV

Além da consciência social, Ykenga nos deixa como legados livros como "Humor à La Carte!", "Cabo Frio e Suas Histórias", "Casa-grande e Sem Sala" e "História do Samba em Quadrinhos", escrito com o ator e pesquisador Haroldo Costa.



Perfect Days

A plataforma que mais se debruça sobre a pluralidade do cinema autoral surpreende seus assinantes com uma de suas melhores curadorias



A Comilança

# MUBI, o recanto

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Responsável por lançar no Brasil ganhadores de Palma de Ouro ("Titane"), Ursos da Berlinale ("Alcarràs") e Conchas Douradas do Festival de San Sebastián (caso de "Beginning"), o streaming MUBI promete um abril de alegria para a cinefilia que compõe seu rol de assinantes. "Todos Já Sabem", de Asghar Farhadi, deu um pontapé nas atividades da plataforma. Vai ter espaço para cults como "O Homem-Urso" (2005), de Werner Herzog, e "A Comilança" (1973), de Marco Ferreri (1928-1997) em seu rol de longas de mestres. Na sexta, entra por lá uma joia: o hilariante "Yannick", de Quentin Dupieux.



Yannick

Trata-se de uma discussão (brilhante) sobre o fosso de classes sociais embalada no faniquito dado pelo personagem título – um representante do operariado francês vivido por Raphaël Quenard – quando vai a uma peça de teatro, numa casa de espetáculos burguesa, e considera o texto enfadonho. De arma em punho, ele força o elenco a encenar um novo texto. A tensão que essa premissa cria na tela grande é recebida pelo público do cine-

ma sob o filtro do humor nas raiais do absurdo de Dupieux, conhecido no Brasil por "Rubber" (2010) e "Deerskin - 100% Camurça" (2019).

No dia 12, sua grade - hoje dedicada aos curtas animados de Suzan Pitts - acolhe "Dias Perfeitos", a melhor ficção do alemão Wim Wenders neste século. No mesmo dia, o www.mubi.com acolhe "O Livro de Imagem", que rendeu uma Palma de Ouro de Honra a Jean-Luc Godard (1930-2022).

Existem resquícios de astros hollywoodianos em "Le livre d'image", entre eles Joan Crawford, Paul Newman e Sterling Hayden. Ah! E é possível ver um frame do "Tubarão", de Spielberg. Mas são apenas citações cinéfilas, que vão se desconstruindo conforme Godard vai superpondo a elas uma narração filosófica.

Na semana que vem, como um aquece para a estreia de "A Paixão Segundo GH", um .doc pouco conhecido de seu diretor, Luiz Fernando Carvalho, passa a ser exibido pela plataforma: "Que Teus Olhos Sejam Atendidos".

ENTREVISTA / HELENA SOLBERG, CINEASTA

# ‘É impossível abarcar todas as expressões femininas’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**R**econhecida internacionalmente com prêmios dados a “Carmen Miranda: Bananas Is My Business” (1995) e “A Dupla Jornada” (1976), Helena Solberg já foi laureada em festivais de forte adesão popular como o de Gramado, onde ganhou o troféu Kikito de Melhor Longa-Metragem, há exatamente 20 anos, por “Vida de Menina” – uma ficção.

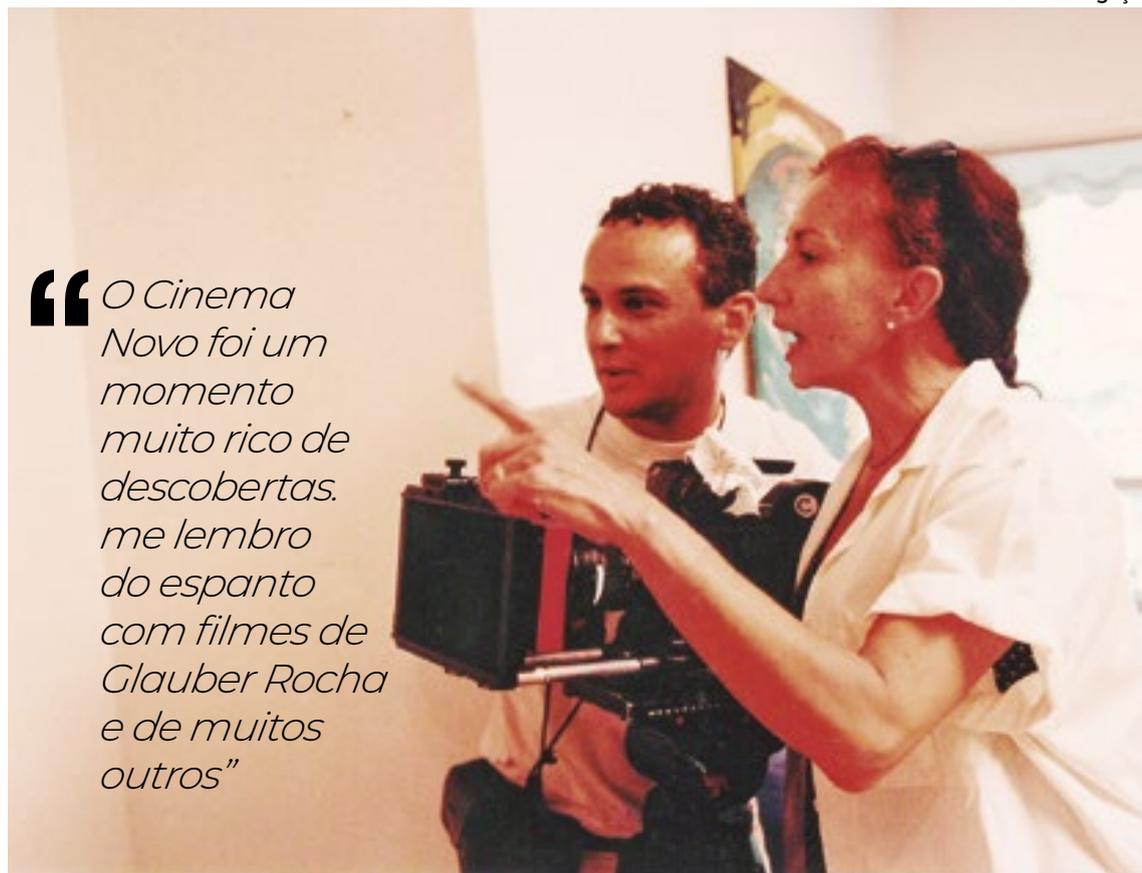
Ficção esta perfumada de realidade brejeira, que encarou (muito bem) as provas do tempo, nas últimas duas décadas, em especial por sua mirada feminista. Mas é o documentário que transformou a cineasta num farol para o cinema tentar entender o Brasil.

Seu “Palavra (en)cantada” (2008), por exemplo, arrastou multidões ao circuito para ouvir sobre nossa trova. Narrativas do real ajudaram a dar espaço (e notoriedade) à diretora já no período vigente do Cinema Novo (1962-1970), quando sua obra começou a ser construída. O organismo estético que ela alimenta desde a década de 1960 serve de motor para “Um Filme Para Beatrice”, atração de abertura da mais importante maratona cinéfila de não ficção da América Latina: o É Tudo Verdade.

A produção será exibida nesta quarta-feira (3), às 20h, no Estação NET Botafogo (QG do evento em sua porção carioca, uma vez que há uma programação simultânea em São Paulo), com repeteco amanhã, também às 20h30. No dia 13 rola uma última projeção na cidade, no Estação NET Rio, às 14h.

Sua estrutura dramaturgica é pautada por uma pergunta: “Como vão as mulheres no Brasil?”. A questão é feita à realizadora por uma jornalista italiana. Helena tenta responder por meio de elementos dos seus filmes. Mas, na entrevista a seguir, ela adianta ao Correio da Manhã parte das inquietações de sua nova incursão à telona.

“O Cinema Novo foi um momento muito rico de descobertas. me lembro do espanto com filmes de Glauber Rocha e de muitos outros”



Divulgação

**Diretora de cults como ‘Banana Is My Business’, Helena Solberg abre o maior festival de documentários da América Latina nesta quarta com ‘Um Filme Para Beatrice’**

**De que maneira “Um Filme Para Beatrice” promove uma triagem das expressões femininas do seu tempo e como ele se estrutura na História? Que perguntas norteiam sua narrativa?**

**Helena Solberg:** A pergunta talvez ingênua da jornalista italiana em meu longa remeteu-me ao passado para resgatar, em alguns de meus filmes antigos, questionamentos que eu já vinha fazendo há muitos anos. Alguns foram feitos

há mais de 50 anos e, hoje, poderiam ser considerados quase material de arquivo. Procurei examiná-los como um trampolim para o presente, para questões novas como o ‘transfeminismo’, que me pareceu a mais desafiadora e fascinante. Acredito que não existem respostas definitivas. Essas respostas estamos construindo através dos tempos. A questão da mulher mexe profundamente com toda a estrutura da sociedade. É impossível abarcar todas

as expressões femininas.

**Qual é a sua relação de tempo, espaço e credo com o Cinema Novo?**

O Cinema Novo foi um momento muito rico de descobertas. As sessões na Cinemateca nos inundaram com o Neorealismo Italiano e a Nouvelle Vague. Eu me lembro do espanto com os filmes de Glauber e de muitos outros. Era a minha geração, eram amigos que,

de sua posição dentro da sociedade, como homens procuravam, através de seus filmes, questionar a ordem social. Eram machistas? Certamente, como toda a sociedade! Se eu estava ou não inserida nesse grupo? Acho que foi uma simplificação criada pela mídia. Eu tinha uma agenda minha, particular, que questionava também essa estrutura de um outro ponto de vista, de um outro ângulo. Como minha formação burguesa nos preparava com valores que seriam utilizados dentro do lugar que nos estava reservado? Bem, a resposta que a esquerda dava aos nossos questionamentos era frustrante e paternalista: teríamos que esperar, como boas meninas, que outros assuntos mais sérios fossem resolvidos. Acho que as mulheres entenderam que a questão era uma só e saíram à luta!

**Em que ponto da sua trajetória - e como - o cinema documental se impôs como um lugar de verdade, da sua verdade artística, e se apresentou como veio de investigação?**

O cinema foi uma ferramenta que mais de uma vez me aproximou de uma realidade suspeitada, mas, até então, desconhecida, e, como em todo documentário, acho que saí mais sabia e enriquecida por haver escutado o outro/a outra e juntas (o feminismo) vamos continuar procurando uma resposta. No meu primeiro filme, “A Entrevista”, convidei (o pintor e cineasta) Mario Carneiro para a fotografia e tive (Rogério) Sganzerla na montagem. Ficamos amigos para o resto da vida! Fui a São Gonçalo do Rio das Pedras para assistir às filmagens de “O Padre e a Moça”, a convite de Joaquim (Pedro de Andrade). Trabalhei como continuísta de (Paulo Cezar) Saraceni no “Capitu”, e a nave vá... Assim o documentário acabou sendo minha forma de expressão cinematográfica mais afim às minhas motivações e objetivos. Não foi premeditado. Foi o que acabou acontecendo nessa mistura de desejos e condições objetivas, que é o que define todas as trajetórias.

# O violão eclético de Plínio Fernandes

Músico paulista radicado em Londres revisita obras de Sérgio Assad, Villa-Lobos, Fernando Sor, Edu Lobo, Violeta Parra, Jacob do Bandolim e outros em show na cidade

Por Affonso Nunes

**J**ovem talento do violão mundial, o paulista Plínio Fernandes vem pavimentando com suas mãos uma sólida carreira internacional. Em 2022, quando lançou seu primeiro álbum solo, “Saudade” pelo prestigiado selo Decca Records, obteve a liderança da categoria clássicos da Billboard. Nesta quarta-feira (3), ele mostra seu virtuosismo em apresentação no Blue Note Rio com repertório eclético em que revisita obras de Sérgio Assad, Villa-Lobos, Fernando Sor, Edu Lobo, Violeta Parra, Jacob do Bandolim e outros.

Plínio Fernandes nasceu com o destino traçado. Nascido em família de músicos, ele recebeu do pai as primeiras aulas de violão e, dali em diante, fez história. Aos 12 anos, após vencer concursos nacionais de violão juvenil,

tocou como solista convidado da Orquestra Sinfônica de Campo Grande e teve aulas particulares em São Paulo com o renomado professor Henrique Pinto e, mais tarde, aos 16, com o aluno e protegido de Pinto, Fábio Zanon.

Sempre incentivado pela família e professores, Plínio mudou-se para Londres para seguir a carreira de músico concertista. Com bolsa integral financiada pelo Ministério da Educação, estudou na Royal Academy of Music com Zanon, Michael Lewin, Steve Goss e David Russell. Para devolver a jovens músicos parte do que recebeu, Plínio compromete-se com a educação musical e tornou-se embaixador da instituição de caridade Music Masters.

De lá para cá, o artista conquistou diversos espaços importantes, mostrando sua representatividade e talento para o mundo de



Divulgação

forma significativa e expressiva. Em 2022, ele lançou seu primeiro álbum solo, intitulado “Saudade”, que o fez alcançar o primeiro lugar da parada de álbuns Clássicos da Billboard. O disco conta com os convidados especiais Sheku Kanneh-Mason, no violoncelo para a fluida e lírica “Bachianas Brasileiras No. 5: I. Aria (Cantilena)”, de Villa-Lobos; Braimah Kanneh-Mason, no violino em “Menino”; e a renomada cantora Maria Rita, numa interpretação de “O Mundo é um Moínho”.

Em “Saudade”, o público pode ver Fernandes evocar seu amor por um lar distante, o Brasil, um amor saudoso que torna ainda mais tangível a expressão apaixonada de seu trabalho no violão. “Encontrei um lar em Londres e pretendo ficar”, diz ele, “mas o título ‘Saudade’ significa nostalgia, a falta de algo, que é literalmente o que sinto aqui. A maneira como me conecto com o Brasil e minha identidade como artista brasileiro é através da música”.

O violonista funde dois mundos quando se apresenta: a herança cultural do Brasil, de onde provêm as suas raízes musicais, e a sua experiência acrescida na música clássica ocidental, ao estudar e aperfeiçoar o seu ofício na Europa.

Em 2023, ele fez história novamente ao lançar seu segundo álbum de estúdio, “Bacheando”, no qual prestou uma emocionante homenagem a séculos de arte, explorando o gênio duradouro de J.S. Bach, a vibrante cultura musical do Brasil e toda a riqueza envolvida.

## Uma imersão carioca

Cantora e compositora ítalo-venezuelana Manu Napolitano lança EP autoral totalmente gravado no Rio com a produção de Ana Costa

A violonista, cantora e compositora ítalo-venezuelana Manu Napolitano mostra que a música é a linguagem universal e se une ao talento da brasileira Ana Costa no EP “Colorir”. Trazendo poesia, ritmo, questões sociais e reflexões, o projeto se inspira na MPB e no samba jazz para refletir questões globais.

“Foi uma sensação incrível gravar mi-



Divulgação

**Manu Napolitano explora vários gêneros musicais e faz de causas humanitárias matéria-prima para parte de sua obra**

nhas músicas no Rio e ouvir a interpretação maravilhosa das músicas pela Ana, que também foi produtora do projeto de gravação, escolhendo músicos incríveis e todas mulheres”, orgulha-se Manu.

Das gravações no Estúdio Lontra Music participaram do projeto nomes de destaque como Maíra Freitas (piano), Marfa Kurakina (baixo), Geiza Carvalho (percussão) e Carol Chaves (flauta), além da própria Manu no violão clássico. “Poder colaborar e compartilhar do trabalho de outros artistas para mim é sempre enriquecedor. E a música de Manu é inspirada e tem personalidade. Que muitos ouvintes se sintam emocionados com a música dessa excelente compositora”, recomenda Ana Costa.

Etnomusicóloga e violonista experiente, cuja jornada musical a levou a explorar uma variedade de gêneros e culturas ao redor do mundo, Manu faz das causas humanitárias parte de sua arte. Desde suas experiências com o povo indígena amazônico Shuar até

suas colaborações musicais na Europa e na China, Manu é uma artista cuja paixão pela música transcende fronteiras e conecta pessoas de diferentes origens.

Ao longo de sua carreira, dedicou sua música a causas importantes, incluindo os direitos das mulheres. Seu single “Muitas Marias” foi uma homenagem à socióloga, vereadora e ativista Marielle Franco, assassinada em 2018, enquanto a música “La sarta - Costureira da Montanha” foi lançada em memória dos “pracinhas” brasileiros que lutaram contra o exército alemão nas montanhas italianas durante a Segunda Guerra Mundial.

E isso transparece no EP. O single “Colorir”, que dá nome ao trabalho foi composto originalmente para a trilha sonora do curta metragem “La Collina dei Mattoni”, sobre um projeto de recuperação de crianças de rua em Bogotá (Colômbia) com a ideia de pintar murais na casa onde eles próprios foram acolhidos. Traduzido para português, a faixa dialoga com a realidade brasileira.

# Alguém precisa carregar o piano

Ex-O Rappa e Afrika Gumbé, Marcelo Lobato exhibe sua versatilidade no primeiro EP solo

**C**onhecido por seu trabalho como com O Rappa e com a cultuada Afrika Gumbé, o músico, produtor musical e compositor brasileiro Marcelo Lobato apresenta “Carregador de Piano”, seu primeiro EP solo. Com produção de Lobato e Zé Nóbrega, o trabalho tem participações de Elizza e Rodrigo Suricato e sai pela Lobo Records, selo do artista focado na diversidade e fusão de estilos.

O projeto solo surgiu durante o período pandêmico,

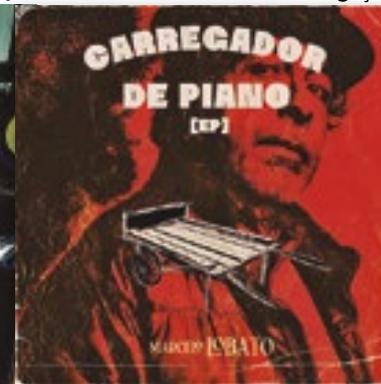


Rodrigo Ferraz/Divulgação

**Marcelo Lobato gravou as bases do trabalho em seu estúdio doméstico**

com o artista explorando sua versatilidade até onde conseguia chegar. O projeto foi totalmente gravado nas bases musicais da própria casa de Lobato.

O título “Carregador de Piano” é uma síntese de sua jornada como artista. “Esse é um termo que vem do futebol. O cara que exerce várias funções no time. Não fica



Divulgação

acomodado com o resultado cômodo, óbvio...”, compara. “Ao longo da minha trajetória musical nunca me aquietei a fazer uma coisa só. Até por uma questão de sobrevivência. Gosto de experimentar timbres diferentes, ritmos diversos, combinar estilos musicais distintos. Já faz parte

da minha natureza em relação à música. Participo de todas as etapas que fazem parte do trabalho”, destaca.

Nascido em 1965, Lobato começou sua carreira na música na adolescência. Em 1992, conheceu Marcelo Yuka, fundador de O Rappa, e começou a colaborar com a banda como músico convidado. Três anos depois, tornou-se membro oficial. Sua habilidade como tecladista deu nova dimensão ao som do grupo, enriquecendo as composições com camadas de sintetizadores e pianos.

Nesta fase, Lobato participou ativamente da criação dos arranjos e da produção dos discos d'O Rappa, deixando sua marca registrada no som característico da banda. Algumas das músicas mais famosas do grupo, como “Minha Alma” e “Pescador de Ilusões”, contam com a contribuição de Lobato.

Além de seu trabalho n'O Rappa, o músico também se envolveu com diversos outros projetos musicais, além de contribuir para trilhas sonoras de filmes e programas de TV.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Parceria com Alok

O rapper Key Glock aposta na música eletrônica com a nova versão do hit “Let’s Go”, presente versão deluxe do álbum Glockoma 2, lançada pelo rapper em junho. O remix é assinado por Alok, um dos maiores nomes da música eletrônica e que acumula colaborações internacionais com nomes como, como Tove Lo, Tate McRae, Zara Larsson e Steve Aoki e participações em festivais como Tomorrowland e Rock in Rio. O remix complementa o sucesso da versão original da canção, que ultrapassou os 35 milhões de streams.

Divulgação



Ryan Brough/Divulgação



### Otimismo pelo ar

Depois de apresentar uma versão de “Everybody Wants to Rule The World”, do Tears for Fears, a banda canadense A Short Walk to Pluto mergulha nas profundezas, passa por ataques de pânico para emergir com uma mensagem de esperança e resistência em “Hopeless”, uma canção potente com referências ao rock dos anos 2000. Composta por Emma Armstrong (vocal), Max Kaiser (guitarra, teclados e sintetizadores), Danny Moriana (baixo, vocais e sintetizadores) e Jake Biggs (bateria e percussão), a banda projeta para este ano seu primeiro lançamento de estúdio.

Divulgação



### Amor em todas as notas

O duo Dudalu faz uma MPB pop que traz o quentinho do amor para o coração. No teclado, violão e steel drum, eles apresentaram cinco de suas canções prediletas em uma sessão ao vivo para o projeto Som na Lata. A apresentação, que chega como um EP nas plataformas de música, está disponível no YouTube e nas plataformas de streaming. Recentemente eles já trouxeram o clima solar e tropical pro seu som no single de verão “Instantes”. Para o próximo mês, já preparam novidades com um novo single com uma participação especial surpresa.

Leo Aversa/Divulgação



Tuila Jost e Claudio Soares, autores de 'Axé Amor Amém', livro dedicado a mostrar as distinções e semelhanças entre os orixás e os santos católicos

# A certeza de que o amor une

'Axé Amor Amém' promove um mergulho nas raízes do sincretismo religioso para sugerir o combate à intolerância religiosa

**C**laudio Soares e Tuila Jost convidam os leitores a um mergulho no sincretismo religioso no livro "Axé Amor Amém" (Ed. Afluente). Com prefácio de Carlinhos Brown, a obra dedica-se a mostrar as distinções e semelhanças entre os orixás e os santos católicos.

Escrito para aqueles que desejam ampliar o conhecimento a respeito de religiões de matriz africana, ou mesmo para quem não tem conhecimento prévio sobre o tema, o livro traduz o sentimento de fé presente no Brasil, propondo a união

dessas diferentes religiões através do ponto em comum entre elas: o amor.

"Este é um livro sobre a experiência do sincretismo como uma cultura de fé. Nesse recorte cultural da fé do brasileiro, buscamos trazer o que está acima do humano, pois entendemos que orixás e santos trabalham dentro da mesma energia. Para nós, o sincretismo pode ser um instrumento de combate à intolerância", afirma Tuila.

"Além do exercício da fé, o livro busca ampliar o conhecimento para que o não à intolerância religiosa seja uma realidade

absoluta. É um livro onde o axé e o amém se unem pelo amor", destaca Claudio.

Com o designer e artista visual Batman Zavareze à frente da direção de arte, o livro ganha um conceito artístico original repleto de brasilidade. "Quando Claudio e Tuila me contaram sobre a ideia do livro eu vi uma viagem sobre o Brasil plural, generoso, profundo e amoroso que fica resumido no que nossos ancestrais chamavam de sincretismo. Esse percurso no livro tem um momento esteticamente exuberante, outro bem didático e uma camada de leitura que extrapola o objeto do

“ Buscamos trazer o que está acima do humano, pois os orixás e os santos trabalham dentro da mesma energia.”

Tuila Jost

livro com os QR Codes com registros autorais que surgem como respiros durante a leitura do livro”, afirma Zavareze sobre o impacto do encontro com os autores.

As cores vibrantes predominam nas páginas, ornando com fotografias de terreiros e imagens de santos e orixás. Buscando contemplar a realidade de diferentes terreiros pelo Brasil, Claudio e Tuila visitaram espaços em São Paulo, Aparecida, Salvador, Manaus, Ouro Preto e Chapada dos Veadeiros. Nestas viagens, os autores coletaram depoimentos em vídeo de grandes nomes religiosos do país, como Padre Edson Menezes da Silva (Basilica Santuário Senhor do Bonfim, BA), Babalorixá Vilson Caetano (Ilê Oba L'okê, BA), Ialorixá Vó Sinha (Casa Branca, BA) e Yakekerê Solange (Ilê Axé Oxum Opará, SP), que também integram o projeto através QR Codes, com registros autorais.

"O sincretismo surgiu como uma forma de proteger os cultos afros e como demonstrador da força da criatividade dessas etnias, que não aceitou a dor e reconheceu que a união espiritual é onde Deus conectava todos nós. Com o nosso sincretismo religioso, uma síntese cultural vital para o Brasil, construímos a representatividade, a legitimidade e a sustentabilidade social, política, cultural, econômica e ambiental do nosso país", argumenta Carlinhos Brown no prefácio.

Após longo período no mercado financeiro, Claudio decidiu dedicar-se à espiritualidade. Trabalha há mais de 20 anos com alinhamento energético e meditação. Jornalista, atriz e diretora, Tuila foi criada na umbanda e está à frente do espetáculo "Presentes".

O caminho de ambos se cruzou há 18 anos, mas foi durante a pandemia que os dois amigos decidiram criar no Instagram a página Janela de Agni (@janeladeagni), um canal de fé e meditação com o propósito de levar um pouco de espiritualidade para as pessoas naquele momento difícil. Hoje, o perfil soma 250 mil seguidores – e foi a gênese de "Axé Amor Amém".

# Uma outra maneira de ver o Rio

Ato cênico 'O Caminho de Volta' é fruto das pesquisas do ator Álamo Facó sobre a sua ancestralidade indígena

Com apresentações gratuitas, o espetáculo "O Caminho de Volta - A Outra História do Rio de Janeiro" vem sendo idealizado há seis anos, quando o diretor e ator Álamo Facó mergulha na pesquisa sobre sua ancestralidade e o início da cidade do Rio de Janeiro, desenterrando a versão não contada dessa história. Contemplado pelo Foca - Fomento da Cultura Carioca - com nota máxima, sendo classificado em primeiro lugar, o ato cênico está sendo apresentado no Parque do Flamengo.

Chegando de forma confortável em estacionamento gratuito do parque, junto ao restaurante Assador, o público é levado a se acomodar em esteiras e redes para mergulhar na história do nascimento dessa cidade, agora contada pela primeira vez por personagens indígenas, mamelucos e alguns franceses, que lutaram do lado de cá da baía e criaram a maior organização de combate à escravidão indígena que já se teve notícia, a Confederação dos Tamoios, numa peça sobre o amor por essas terras e a luta pela liberdade.

Há seis anos, Facó mergulha



Raynna/Divulgação

**'O Caminho de Volta' resgata a história da fundação da cidade do Rio de Janeiro sob a narrativa dos povos originários que viviam na região**

em viagens em busca de sua ascensão, imergindo em vivências, lutas e manifestações. Quando o artista chega à história da Baía de Kuanapara do século XVI, algo lhe deixa em choque: há muitos detalhes desse território e período, enterrados num proposital esquecimento.

A história do início do Rio de Janeiro é contada pela primeira vez por esse lado de cá da baía, o da

taba Karioka, da Paliçada de Uruçumirim, onde nasceu a maior organização de combate à escravidão indígena que já se teve notícia. "O sentimento de disponibilidade para uma manifestação ancestral é enorme", pontua.

"Queremos tentar elucidar o povo carioca e seus visitantes sobre como devemos olhar para o passado e enxergar como essa história foi propositalmente distorcida. A

escravização indígena é pouco falada em centros de discussões, em congressos, universidades e é detalhada em cartas e livros. E desejamos enaltecer o povo tupinambá e sua importância histórica e na contemporaneidade", completa.

Uma história épica, de um povo enorme e presente em tudo que envolve a ideia de Brasil. Porém apagado intencionalmente.

Dentro dessa perspectiva, Álamo entende que ao assistir a peça, o público terá a certeza de como as populações indígenas foram e são subjugadas e perseguidas na construção de um Brasil controverso. E acredita que o público sairá da experiência sendo capaz de contar essa história por essa nova e mais fiel versão dos fatos.

"Ainda há muito massacre, muito homicídio, muita morte, muito mercúrio no corpo de crianças. Mas é um momento onde vemos indígenas nas favelas, nos presídios, e vemos indígenas indicados ao Oscar, sendo chamados para falar na ONU, em conferências de lideranças mundiais e serem ouvidas por presidentes do mundo inteiro. Então, essa peça busca elucidar aqueles que não estão acompanhando esses fenômenos acontecerem e compreenderem o passado de forma mais coerente", afirma o diretor e autor.

Para a realização do espetáculo, o diretor convidou um coletivo de artistas anti-coloniais, de maioria indígena. Junto a eles, Álamo conta a história da taba Karioka, do período de paz e fartura à luta que segue até os dias de hoje. Ele faz um comparativo com o período e os tempos atuais.

"Muita coisa se manteve, a forma que a gente lida com as festas, a forma que a gente lida com os adornos de Carnaval. E a forma que a milícia armada invade territórios indígenas hoje, é bem parecida com os ataques dos pêros do século XVI. Muita coisa se manteve de lá para cá e a gente muitas vezes não liga uma coisa à outra. A peça colabora para que esses pontos se liguem", destaca.

## SERVIÇO

O CAMINHO DE VOLTA - A OUTRA HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO

Parque do Flamengo - Altura da Rua Oswaldo Cruz (ponto de encontro: em frente ao Restaurante Assador) Até 29/5, às terças e quartas (19h30)\*

Entrada franca

\*Em caso de chuva o evento não ocorrerá

Artistas e espetáculos de comédia são a razão de ser do Prêmio I Love Prio do Humor

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Muito se diz que o texto de Aristóteles sobre a comédia que teria desaparecido. A busca por essa obra perdida é, inclusive, o centro da trama de “O Nome da Rosa”, livro do italiano Umberto Eco. O gênero carrega historicamente a pecha de ser considerada uma arte menor. Comediantes e palhaços são tratados como agentes da diversão, do entretenimento, algo que não chega necessariamente a ser tida como arte.

Um dos comediantes mais populares do país, Fábio Porchat organiza desde 2017 um prêmio destinado exclusivamente a artistas e espetáculos teatrais de comédia que acontecem nas capitais paulista e carioca, o Prêmio do Humor, cuja premiação é definida através de um júri especializado, que escolhe os melhores nas categorias texto, performance, direção, espetáculo e especial.

“É muito difícil a comédia ser homenageada e premiada no mundo. Eu acredito que esse prêmio exalta o humor e o coloca no pedestal que ele merece. O Prêmio do Humor mostra pra todos que o humor precisa ser valorizado e que a classe humorística está fazendo comédia de qualidade”, defende Porchat.

Pelo segundo ano consecutivo, o evento chama-se Prêmio I Love Prio do Humor, com o patrocínio do teatro homônimo. “Estamos muito felizes em dar nome ao prêmio pelo segundo ano consecutivo. Entendemos que temos muita sinergia. Incentivamos a cultura e o esporte, principalmente no Rio de Janeiro. É um compromisso nosso retribuir para a sociedade. Usamos o I Love PRIO porque ele reflete a paixão pela cidade em que nascemos e pelas iniciativas que apoiamos e acreditamos serem capazes de fazer a diferença”, explica

Gabriel Hackme, gestor de Patrocínios e Projetos do grupor que gere a casa de espetáculos.

Apresentada por Fábio Porchat, a cerimônia de premiação não poderia deixar de ser um show de humor. Porchat usa o

# Aplausos de pé para gargalhada

Fotos/Karyme França/Divulgação



O Coletivo *Negra Palavra* encenou “*Pelada - A Hora da Gaymada*”, o maior vencedor da noite

Fábio Porchat e Eduardo Dusek, o homenageado da noite



Suzy Brasil atuou em “*Sentença de Vida*”, premiada na Categoria Especial

roteiro (ou não) numa dinâmica própria como mestre de cerimônias. Todo o ambiente, desde a entrada, estava com decoração de circense.

A peça “Pelada – A hora da Gaymada” - encenada pelo grupo *Negra Palavra*, escrita por Eudes Veloso e sob direção-geral de Orlando Caldeira - lavou a égua, conquistando os prêmios de melhor texto, direção e espetáculo ao mostrar as questões de racismo, homofobia, preconceitos de todas as ordens com uma ótima história.

O emocionado discurso de Caldeira, em processo de recuperação de um acidente de trânsito, mostrou que a proposta de recuperar, a verdadeira alegria carioca, ao mostrar o subúrbio sem folclorizar, com um texto raro, direção brilhante, sobretudo na movimentação dos atores, é a maneira de levar a reflexão, sem tristeza.

“Sentença de Vida”, corajosa e comovente ao narrar, de forma leve e divertida, episódios de portadores de HIV, narrados pela médica Marcia Rachid, levou o prêmio Categoria

Especial. Criado e dirigido por Gilberto Gawronski, que divide o palco com Clarisse Derzié Luz e a drag queen Suzy Brasil, usa a estética queer para mostrar como a prevenção é fundamental. O prêmio de melhor performance foi para Eduardo Sterblitch por seu fantasma em “Beetle Juice”.

O homenageado da noite foi o cantor e compositor Eduardo Dusek que continua afiado e mordaz. De riso em riso, de gargalhada em gargalhada, a festa continuou com DJ e tudo a que se tem direito.